

Formação Docente em Diversidade Sexual: Reflexões a partir das Representações Sociais de Docentes da Educação Básica.

Douglas Paulino Barreiros¹
José Roberto da Silva Brêtas²

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar as representações sociais dos docentes sobre a diversidade sexual no contexto escolar, com foco na categoria temática de formação docente. Utilizando o método da Análise de Conteúdo e fundamentando-se no referencial teórico de Serge Moscovici (teoria e método), Teoria Queer e a teoria das Representações Sociais, foram realizadas entrevistas com professores da Educação Básica. Os resultados indicam que os/as docentes reconhecem a necessidade desse tipo de formação, pois admitem existir preconceitos e atitudes discriminatórias em relação a pessoas homossexuais e transexuais na escola. No entanto, afirmam não terem recebido essa formação durante a graduação ou na formação continuada, pois a escola, nos momentos de capacitação, não aborda esse tema nem permite essa discussão, priorizando outras questões, como avaliação externa e política de bonificação.

Palavras-chave: Diversidade. Representação Social. Formação Docente.

¹ Doutor em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. douglas.barreiros@servidor.educacao.sp.gov.br

² Doutor em Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo. jrsbretas@gmail.com

A diversidade sexual tem sido tema de crescente importância no contexto educacional, refletindo uma demanda por ambientes escolares mais inclusivos e sensíveis às diversas identidades de gênero e orientações sexuais. No entanto, é importante reconhecer que essa demanda não ocorre em um vácuo político, mas em meio a uma intensa disputa política e ideológica, muitas vezes empreendida por agrupamentos reacionários da sociedade. Esses setores, frequentemente ancorados em valores conservadores e religiosos, resistem às mudanças sociais e culturais que buscam promover a aceitação e o respeito à diversidade sexual (Neto; Teófilo; Bastos, 2022).

Nesse contexto, a narrativa da "ideologia de gênero" tem sido amplamente utilizada por grupos fundamentalistas religiosos e conservadores extremistas como justificativa principal para suas tentativas de restringir os direitos sexuais no Brasil, especialmente no que diz respeito à educação sobre gênero e sexualidades nas escolas. Essa questão se faz presente em estratégias argumentativas presentes em obras publicadas sobre a "ideologia de gênero" e em propostas legislativas que buscam limitar o debate sobre gênero e sexualidades nas instituições de ensino, focando especialmente nas iniciativas relacionadas ao projeto Escola Sem Partido, por exemplo (Lionço et al, 2018).

Na verdade, a "ideologia de gênero" é reconhecida como uma distorção e uma falsificação dos conceitos de gênero e sexualidade. Trata-se de uma categoria política reacionária utilizada como instrumento político por grupos ultraconservadores e reacionários para promover um projeto de poder que visa restringir direitos e promover uma agenda de intolerância e discriminação. Conforme evidenciado por Junqueira (2022), essa narrativa é frequentemente empregada como estratégia para deslegitimar discussões sobre igualdade de gênero e diversidade sexual, buscando cercear o debate e impor uma visão unidimensional e excludente sobre questões fundamentais para a promoção dos direitos humanos e da cidadania.

Além disso, a "ideologia de gênero" funciona como arcabouço que opera com o pânico moral, propagando a narrativa infundada de que nas escolas os professores

estão "doutrinando" crianças e impondo uma suposta sexualização precoce de crianças e adolescentes. Essa retórica alarmista busca instigar o medo e a preocupação em torno da suposta ameaça aos valores morais da família tradicional "normal", perpetuando estereótipos e preconceitos sobre questões de gênero e sexualidade. Essa distorção intencional da realidade visa desacreditar as iniciativas educacionais que buscam promover a igualdade de gênero, o respeito à diversidade sexual e o enfrentamento de estigmas e discriminações, contribuindo para a manutenção de uma cultura de exclusão e intolerância (Borges; Borges, 2018).

Nesse cenário, questões como a inclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual no currículo escolar, a implementação de políticas de proteção e apoio a estudantes LGBTQIA+³ e a formação docente em questões de gênero e sexualidade tornam-se alvos de controvérsias e resistências. Grupos conservadores muitas vezes veem essas iniciativas como uma ameaça aos valores tradicionais e tentam impedir sua implementação por meio de campanhas de desinformação, projetos políticos de poder e mobilização social. Como o já mencionado Movimento Escola Sem Partido, que surgiu com a proposta de neutralidade política, ideológica e religiosa nas escolas, em verdade atuou como uma frente política para promover agendas conservadoras e limitar a discussão sobre questões de gênero e sexualidade nas salas de aula (Schibelski, 2020).

Da mesma forma, como se disse, os movimentos antigênero que propagam a falácia da "ideologia de gênero", argumentando que a inclusão de conteúdos sobre diversidade sexual e identidade de gênero nas escolas seria uma forma de doutrinação ideológica, ignorando a necessidade de promover ambientes educacionais inclusivos e respeitosos para todos os/as estudantes. Esses movimentos utilizam estratégias variadas, desde pressionar legisladores para aprovar leis que restrinjam a discussão desses temas até organizar manifestações e campanhas de difamação contra educadores/as e

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais, Mais.

instituições que apoiam a diversidade sexual e de gênero, gerando e operando sobre pânicos morais (Miskolci; Campana, 2017).

Apesar dessas resistências, é fundamental que a comunidade educacional e a sociedade reconheçam a importância de promover ambientes escolares inclusivos e respeitosos, onde todos os/as estudantes se sintam seguros/as e acolhidos/as independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Essa luta pela inclusão e pelo respeito à diversidade sexual no ambiente escolar não é apenas uma questão de justiça social, mas também de promoção da saúde mental e do bem-estar de todos os estudantes (Vianna; Bortolini, 2020).

Neste contexto, os pesquisadores, baseados em suas experiências profissionais, vivências pessoais e militância sindical, observaram que a escola ainda opera predominantemente com bases heteronormativas e cisgêneras em suas práticas, rotinas e cotidiano. Notaram também que o tema da diversidade sexual permanece invisibilizado dentro da escola, mesmo diante dos alarmantes índices de homofobia e transfobia registrados. Foi essa problemática vivenciada e observada no dia a dia educacional que motivou o presente estudo.

Diante desse cenário, o estudo propôs investigar as representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar, com destaque para uma das nove categorias temáticas identificadas durante a pesquisa de doutorado. Neste artigo, serão apresentadas as análises específicas relacionadas a essa categoria, a qual aborda a formação docente em diversidade sexual. Tal abordagem permitiu uma análise aprofundada das percepções e experiências dos professores em relação à sua compreensão e abordagem das questões relacionadas à diversidade sexual em contextos escolares.

Os objetivos gerais desta pesquisa incluem compreender as representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual, identificar lacunas na formação docente nesse campo e propor estratégias para aprimorar essa formação. Os objetivos específicos incluem analisar as percepções dos docentes sobre a necessidade de

formação em diversidade sexual, investigar suas experiências prévias de formação nesse tema e explorar as barreiras enfrentadas na implementação de programas de formação docente nessa área.

No que diz respeito à metodologia, este estudo adota a Análise de Conteúdo (2016), aliada à Teoria das Representações Sociais (2015), como abordagem para examinar as entrevistas conduzidas com professores da Educação Básica. Essa escolha metodológica é fundamentada na sua capacidade de explorar as representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual e formação docente, de forma a responder aos objetivos da pesquisa e de melhor atender aos dados produzidos, provenientes das entrevistas.

Por sua vez, os resultados da pesquisa revelaram que o grupo de docentes estudado reconhece a presença da diversidade sexual na escola, bem como a existência de preconceito e discriminação. Além disso, os/as professores/as observaram que os estudantes, crianças e adolescentes, demonstram grande curiosidade sobre questões de sexualidade. Diante desse cenário, os/as docentes acreditam que a profissão deveria estar preparada para lidar com essas questões, porém, expressaram que não receberam preparo adequado nem durante a graduação, nem na formação continuada. Contrariando falácias conservadoras, os/as professores/as revelaram que evitam discutir temas como gênero e diversidade sexual na escola devido ao receio de falar algo inadequado decorrente da falta de formação específica. Além disso, expressaram temor de sofrer represálias por parte das famílias, gestores escolares e até mesmo dos órgãos governamentais.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, serão apresentadas a ancoragem teórica, seguidas pela metodologia utilizada na pesquisa. Em seguida, os resultados serão discutidos e interpretados, seguidos por considerações finais e recomendações para futuras pesquisas.

Ancoragem Teórica

A presente pesquisa ancora-se num arcabouço teórico multidisciplinar para investigar as representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar, bem como suas percepções sobre a formação docente nessa área. Dessa forma, Serge Moscovici (2015), pioneiro na Teoria das Representações Sociais, ofereceu uma lente teórica sólida que nos permitiu compreender como os indivíduos constroem e compartilham conhecimentos sobre questões sociais, incluindo diversidade sexual, moldados pela interação social e refletindo as normas culturais e valores de um contexto social específico.

Conforme destacado por Moscovici (2015) e Marková (2006), as representações sociais desempenham papel fundamental ao orientar as atitudes, comportamentos e interações sociais tanto de indivíduos quanto de grupos. Essas representações são moldadas por processos complexos de formação, nos quais se destacam duas etapas essenciais e combinadas: as ancoragens e as objetivações. As ancoragens referem-se às experiências individuais e coletivas que servem como base para a construção das representações sociais, enquanto as objetivações envolvem a materialização e expressão dessas representações por meio de símbolos, linguagem e práticas sociais.

Nesta pesquisa, as reflexões teóricas de Judith Butler (2015) emergiram como uma referência crucial para a análise dos dados, fornecendo um arcabouço conceitual significativo para compreender as complexidades da performatividade de gênero e sexualidades. Ao aplicar os conceitos desenvolvidos por Butler, os pesquisadores puderam explorar como as pessoas constroem e negociam suas identidades de gênero e expressões sexuais dentro de contextos sociais específicos, bem como ancoram suas representações sociais sobre essas questões.

A noção de que gênero e sexualidade são performatividades que se desdobram em interações sociais cotidianas permitiu uma compreensão mais profunda das

experiências relatadas pelos/as participantes da pesquisa. Além disso, a perspectiva de Butler (2015) desafiou as visões tradicionais, heterocentradass e binárias de gênero e sexualidade, incentivando uma análise mais sensível e inclusiva da diversidade humana. Assim, ao utilizar os conceitos propostos por essa filósofa, os pesquisadores puderam ir além das categorizações simplistas e reconhecer a fluidez e a complexidade das identidades de gênero e sexualidade, enriquecendo significativamente as conclusões da pesquisa.

No contexto da diversidade sexual no ambiente escolar, as representações sociais dos docentes são influenciadas por uma série de fatores, incluindo suas próprias experiências pessoais, crenças culturais, normas institucionais e discursos sociais dominantes. Essas representações moldam não apenas a percepção dos/as docentes sobre questões relacionadas à diversidade sexual, mas também suas atitudes e práticas pedagógicas. Ao compreendermos mais profundamente os processos de formação das representações sociais e a sua relação com a falta de formação docente em diversidade sexual, somos capazes de identificar as dinâmicas subjacentes que limitam a inclusão desses temas na formação docente (Neves et.al, 2015).

Além disso, Guacira Lopes Louro (2018) desempenhou papel crucial na introdução e disseminação dos Estudos *Queer* no Brasil, os quais formam a base de seus estudos sobre gênero, sexualidade, diversidade sexual e educação. Louro (2018) destaca a interseção entre gênero, sexualidade e educação, criticando vigorosamente a visão tradicional da educação como neutra em termos de gênero e sexualidade. Ela evidencia como as normas de gênero e sexualidade são reproduzidas e contestadas através de práticas educacionais (Louro, 2014).

Por sua vez, os Estudos *Queer* oferecem uma perspectiva crítica sobre essas normas, questionando as hierarquias e binarismos tradicionais e reconhecendo a multiplicidade e fluidez das identidades sexuais e de gênero (Miskolci, 2016). Essas abordagens enriqueceram significativamente a compreensão da diversidade sexual e de

gênero no contexto educacional, alicerçando as análises dos dados produzidos, além de sinalizar para a importância de uma formação docente consistente e inclusiva.

No campo dos estudos sobre formação docente para a diversidade, teóricos como Helena Altmann (2013) têm contribuído significativamente para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas e curriculares que promovem a equidade educacional e atendem às necessidades de estudantes diversos, com especial ênfase em gênero e diversidade sexual. Altmann comprehende a formação docente em diversidade sexual como um desafio complexo e multifacetado, dada a resistência e as barreiras enfrentadas dentro do sistema educacional. Ela enfatiza a importância de uma abordagem crítica e reflexiva na formação de professores, que reconheça e desafie as estruturas de poder e desigualdade presentes no sistema educacional. Ao integrar essas perspectivas teóricas, esperamos contribuir para o avanço do conhecimento sobre como os docentes lidam com questões de diversidade sexual em suas práticas pedagógicas e como a formação docente pode ser aprimorada nessa área (Altmann, 2013)

Percorso Metodológico

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para investigar as representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. O instrumento de produção de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, realizada com trinta professores/as dos Ensinos Fundamental e Médio. Todos/as os/as participantes foram informados/as acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa e concordaram em participar voluntariamente, lendo e assinando Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa que norteou o estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob o número de parecer consubstanciado 43.332.428.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Para garantir o anonimato dos/as participantes, optou-se por identificar as entrevistas pela

letra E (entrevista) seguida do número referente a ordem em que foi realizada, ou seja, E.1; E.2; E.3 sucessivamente. Após a transcrição das entrevistas, os dados foram submetidos a uma análise qualitativa utilizando a técnica da Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2016). Os procedimentos metodológicos adotados incluíram várias etapas.

Inicialmente, realizou-se a leitura flutuante de todas as entrevistas para obter uma compreensão geral do conteúdo e identificar as principais ideias e temas abordados pelos/as participantes. Em seguida, os trechos relevantes das entrevistas foram identificados e referenciados como índices, que são unidades básicas de registro de informação. Esses índices foram agrupados em unidades de registro, que consistem em segmentos de texto que compartilham características semelhantes em relação ao tema ou conceito em estudo. Cada unidade de registro foi contextualizada dentro do contexto mais amplo da entrevista e do discurso do/a participante, levando em consideração o significado e a intenção subjacente nas declarações. Após a identificação das unidades de registro e sua contextualização, os pesquisadores procederam à categorização temática de análise, agrupando as unidades de registro em categorias temáticas com base em similaridades de conteúdo ou significado.

Por fim, os dados foram interpretados à luz dos objetivos da pesquisa e dos conceitos teóricos subjacentes, permitindo uma compreensão mais profunda das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar. Esses procedimentos metodológicos rigorosos fizeram emergir nove categorias temáticas de análise, sendo “Formação Docente em Diversidade Sexual” uma delas, justamente a que será detalhada nos limites do presente artigo. Vale ressaltar que essa categoria garantiu uma análise abrangente e sistemática dos dados qualitativos, fornecendo percepções significativas sobre a percepção e experiências dos docentes em relação à sua preparação para lidar com questões de diversidade sexual na escola.

Resultados e discussão

As análises dos dados revelaram que as representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar estão amplamente ancoradas em moralismos religiosos, na heteronormatividade e na cisgeneridade. Esses aspectos contradizem as faláciais conservadoras que sugerem que os/as professores/as são doutrinadores/as comunistas e propagadores/as da "ideologia de gênero" (Junqueira, 2022). Na realidade, o grupo estudado demonstrou ter pouco entendimento sobre questões de gênero e diversidade sexual, demonstrando dúvidas e expressando entendimento acerca de gênero e diversidade sexual fundamentadas em princípios conservadores em relação a esses temas.

Na escola a gente lida com muita coisa que envolve a diversidade sexual e a gente nem sabe o que fazer porque é muito complicado de lidar com esse pessoal que é assim diferente (E.2).

Então, eu acho complicado, né, porque o certo é seguir o natural, né, que é mesmo homem com mulher e mulher com homem, né. Eu sei que não pode ter preconceito e tudo mais, e eu não tenho, né. Eu até conheço um monte de gente assim, diferente e tal, mas na escola, sei lá, é difícil. Eu acho que tem de manter o certo mesmo, sabe? (E.4).

Bem, eu até entendo a importância de discutir diversidade na escola, mas acho que precisamos ter muito cuidado com isso daí para não promover certos estilos de vida que vão contra princípios religiosos e morais básicos que todo mundo sabe. Acho que cada um tem sua escolha e tudo mais, mas é difícil aceitar isso completamente dentro de uma escola, né (E.28)

A análise dos trechos à luz da teoria das representações evidenciou que na (E.2) há uma ancoragem na ideia de complexidade e dificuldade em lidar com a diversidade sexual. Nota-se a ancoragem recorrente no grupo estudado que não reconhece a sexualidade e a diversidade como parte integrante de toda vida humana em todas as suas fases do desenvolvimento, antes, pensam essas questões como algo extremamente difícil, complexa e fixa (Butler, 2017). A expressão "muito complicado de lidar com esse pessoal que é diferente" sugere uma dificuldade em compreender e interagir com

pessoas que possuem orientações sexuais diferentes da norma heterossexual, norma esta que caracteriza e ancora a inteligibilidade social dos corpos e expressões de gênero e sexualidade (Butler, 2015). Além disso, a fala expressa obstáculos quanto à compreensão, o acolhimento e o trato com expressões de gênero não binários e transgênero. Isso indica uma objetivação da diversidade sexual como algo problemático, difícil, complicado e desafiador, indicando uma representação social que associa a diversidade sexual com dificuldades, desconfortos e não inteligibilidade social (Butler, 2017).

Quanto ao trecho de (E.4), a ancoragem está na ideia de que o "certo" é seguir o que é considerado "natural", no caso o binarismo "homem/mulher", bem como a heterossexualidade expresso na afirmação de que "homem com mulher e mulher com homem" seria a normalidade para as sexualidades (Louro, 2014). No entanto, o/a participante reconhece a necessidade de não ter preconceitos, indicando uma consciência da importância da tolerância e do respeito. Apesar de apropriada, a tolerância também é problemática, uma vez que prevê alguém que estando em condição de superioridade concede a outro inferior o benefício da tolerância (Butler, 2017). A expressão "mas é difícil" revela uma ambivalência em relação à aceitação da diversidade sexual, sugerindo uma objetivação que associa a homossexualidade com algo que vai contra uma norma social implícita (Butler 2017; Moscovici, 2015; Marková, 2006).

Por sua vez, o (E.28) ancora suas representações na preocupação em relação à promoção de estilos de vida que possam contradizer princípios religiosos e morais que ancoram suas representações sociais acerca da diversidade sexual em contexto escolar (Moscovici, 2015). A expressão "promover certos estilos de vida" sugere uma objetivação da diversidade sexual como algo que pode ser promovido ou incentivado, em vez de simplesmente reconhecido e respeitado (Louro, 2018). Isso indica uma representação social que associa a diversidade sexual com uma ameaça aos valores religiosos e morais, gerando uma sensação de desconforto e resistência em aceitá-la

completamente. Essa representação social da diversidade perpassa todo o grupo estudado sinalizando dificuldades evidentes em empreender práticas pedagógicas de promoção ao respeito e de combate às homotransfobias em ambientes escolares (Louro, 2014).

Outra questão relevante levantada pelo estudo diz respeito ao reconhecimento por parte dos/as professores/as da necessidade de receber formação específica sobre diversidade sexual, dada a complexidade e sensibilidade do tema, que se reflete diretamente em suas práticas pedagógicas. Entretanto, a ampla maioria do grupo estudado relatou sentir uma lacuna significativa nesse aspecto, apontando que a formação inicial na graduação não abordou de maneira adequada questões relacionadas à diversidade sexual.

Na graduação até tinha uma disciplina sobre gênero e sexualidade, mas era optativa e eu não fiz. Depois soube que nem fechou turma para essa disciplina que acabou nem tendo (E.26).

Nunca ouvi falar disso daí na graduação (E.24).

Como se nota no trecho de (E.26), a ausência de uma disciplina obrigatória sobre gênero e sexualidade na graduação é destacada, vale ressaltar que essa é questão recorrente no conjunto de entrevistas analisadas. A percepção do/a participante de que essa disciplina era optativa e não foi oferecida devido à falta de interesse dos graduandos no curso de licenciatura sinaliza que a representação social acerca do tema como algo de segunda ordem na formação docente é amplamente compartilhada por docentes em formação inicial. Isso sugere, ainda, uma ancoragem na ideia de que o estudo de gênero e sexualidade não é prioridade ou não é valorizado dentro do contexto acadêmico de formação inicial docente. A objetivação se dá pela falta de oferta da disciplina, reforçando uma representação social de que o tema não é relevante o suficiente para integrar o currículo obrigatório dos cursos de licenciatura (Altmann, 2013).

Quanto ao (E.24), o/a participante expressa desconhecimento sobre o tema de gênero e sexualidade durante sua graduação. A frase "Nunca ouvi falar disso daí na graduação" revela uma ancoragem na ideia de que o assunto não foi abordado ou discutido de forma significativa durante seu curso universitário. Por outro lado, "disso daí" expressa dado desprezo e desinteresse em relação ao tema, sugerindo ausência de sensibilidade que pode ancorar a ação docente baseada em estereótipos e a não percepção de atitudes discriminatórias e preconceituosas no espaço escolar (Louro, 2018).

Além disso, observou-se que mesmo na formação continuada, que poderia suprir essa carência, outras demandas têm sido priorizadas, tais como a preparação para avaliações externas que visam as políticas de bonificação. Essa discrepância entre a demanda percebida pelos professores e a oferta de formação institucional evidencia a necessidade urgente de revisão e ampliação dos programas de formação docente, a fim de garantir que os educadores estejam devidamente preparados para lidar com a diversidade sexual em sala de aula.

Então, pra você ver... nunca estudei esse negócio de diversidade e tal. Aqui na escola tem horas de estudo coletivo e nos quinze anos que estou aqui dentro nunca ouvi falar disso. Não tem esse tipo de formação não (E.20).

Teve uma vez que vieram aqui propor uma formação sobre gênero, sexualidade e educação, mas a diretora da escola foi contra e o grupo de professores acabou acolhendo isso porque a fala da direção sempre tem peso nessas horas (E. 15)

Em (E.20), a ancoragem da representação social da diversidade como algo complexo está justificada na falta de formação sobre diversidade e na ausência de discussões sobre o tema na escola. O/a participante menciona nunca ter estudado sobre diversidade e afirma que essa temática não é abordada nas horas de estudo coletivo. A objetivação ocorre ao descrever a falta de formação como algo normal e esperado, indicando que não há preocupação ou reconhecimento da importância de abordar questões de diversidade na prática pedagógica. Essa fala revela uma representação

social na qual a formação sobre diversidade não é valorizada ou considerada necessária para a atuação dos professores. A falta de abordagem sobre o tema na escola contribui para a naturalização dessa ausência de conhecimento e para a perpetuação de preconceitos e estereótipos (Altmann, 2013). Esse posicionamento traz Implicações na prática pedagógica, que é a debilidade na formação sobre diversidade, limitando o fazer docente no sentido de compreender e lidar com questões relacionadas à diversidade na sala de aula. Isso pode resultar em um ambiente escolar pouco inclusivo e em dificuldades para promover o respeito e a igualdade entre os alunos (Louro, 2014).

Outro aspecto importante do estudo se revelou como expresso em (E.15). Esse trecho revela representações sociais nas quais as discussões sobre gênero e sexualidade são vistas como desnecessárias ou indesejáveis pelas equipes de gestão escolar. A resistência da direção pode refletir uma visão conservadora e/ou preconceituosa em relação a essas temáticas, além de contribuir para a perpetuação da ausência de formação continuada docente em gênero, sexualidade e diversidade sexual em contexto escolar (Altman, 2013).

Interessante observar que os docentes participantes desta pesquisa expressaram de forma unânime a convicção de que a formação em diversidade sexual é não apenas necessária, mas também crucial para o exercício eficaz da profissão docente no contexto escolar contemporâneo. Reconhecem que a compreensão e o manejo adequado das questões relacionadas à diversidade sexual não apenas promovem um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, mas também são fundamentais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais éticas e sensíveis (Vianna; Bortolini, 2020).

Bem, eu confesso que minhas crenças pessoais são conservadoras quando se trata de questões de diversidade sexual. Mas, ao longo da minha trajetória na escola, tenho percebido que preciso enfrentar esses temas. Para isso preciso de formação para superar o preconceito e a ignorância (E. 24).

A gente ouve muita coisa sobre isso, mas eu acho que é preciso formação pra superar as informações distorcidas senão a gente acaba fazendo tudo errado quando a questão é essa daí de sexualidade (E.20).

Por outro lado, a representação expressa em (E.24) está ancorada em crenças conservadoras em relação à diversidade sexual. Contudo, o participante reconhece que suas crenças pessoais são conservadoras, indicando uma base de valores e opiniões pré-existentes. Assim, a objetivação ocorre ao afirmar a necessidade de enfrentar esses temas e buscar formação para superar o preconceito e a ignorância. O participante reconhece, assim, a importância de adquirir conhecimento e desenvolver habilidades para lidar de forma adequada com questões de diversidade sexual. Nesse sentido, o discurso faz emergir a representação social acerca do tema na qual as crenças conservadoras podem ser desafiadas e transformadas por meio da formação e do enfrentamento de temas relacionados à diversidade sexual. Isso porque o participante reconhece a necessidade de superar preconceitos e ignorância para melhorar sua prática pedagógica (Moscovici, 2015). Essas representações sociais sustentam o reconhecimento da necessidade de formação para superar preconceitos e ignorância, sugerindo uma abertura para a reflexão e o aprendizado contínuo. Isso pode levar a uma prática pedagógica mais inclusiva e sensível às questões de diversidade sexual, contribuindo para a promoção do respeito e da igualdade na escola (Louro, 2018).

Quanto à (E.20), a fala revela uma representação social na qual a formação é vista como um meio de combater informações distorcidas e agir de forma correta em relação à diversidade sexual. O participante reconhece a necessidade de adquirir conhecimento para evitar reproduzir preconceitos e equívocos.

Interessante observar que no grupo estudado, observam-se posições contraditórias em relação à percepção de discriminação, preconceito, homofobias e

transfobias na escola. Enquanto uma parcela reconhece a existência desses problemas e os considera sérios e prejudiciais, outra parte do grupo minimiza tais questões, classificando-as como "brincadeiras" inocentes. A parcela do grupo que adota essa última representação social acerca do preconceito tende a desacreditar as experiências de discriminação relatadas por outros, rotulando aqueles que as denunciam como "vitimistas" e "mimizentos".

Eu acho que os comentários e brincadeiras sobre orientação sexual e identidade de gênero que eles fazem chamando de viado, bixinha e tals, são apenas parte da cultura escolar, nada mais que brincadeiras inocentes entre os alunos. As pessoas estão exagerando ao rotulá-las como discriminação ou preconceito, é só uma questão de levar as coisas menos a sério (E.22).

Então... eu não entendo por que algumas pessoas fazem tanto alarde sobre essas 'brincadeirinhas' na escola. Acho que estão apenas sendo mimizentas e vitimistas. Todos passam por isso, é parte da vida. Eu mesmo já ouvi piadas e nunca me senti discriminado. Essas pessoas precisam aprender a lidar com as coisas e parar de dramatizar tanto, eu hem! (E. 14)

A meu ver, a homofobia e a discriminação é muito intensa na escola. Na verdade eu acho que isso gera muita dor e sofrimento para as crianças e adolescentes gays e lésbicas que passam o tempo todo por xingamentos e ofensas. Precisamos combater isso e evitar a evasão escolar por esses motivos. (E. 11).

Conforme apontado anteriormente, a análise desses trechos revela diferentes representações sociais em relação à percepção de discriminação e preconceito na escola, especialmente relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. No primeiro trecho (E.22), observa-se uma representação social que minimiza a gravidade das brincadeiras e comentários ofensivos sobre orientação sexual e identidade de gênero, considerando-os apenas como parte da cultura escolar e inofensivos. Essa visão desvaloriza a experiência daqueles que são alvos dessas brincadeiras, rotulando as preocupações sobre discriminação e preconceito como exageradas (Junqueira, 2009).

Quanto ao segundo trecho (E.14), percebe-se uma representação social similar, que descredita as preocupações com as brincadeiras ofensivas na escola, considerando-as como parte inevitável da vida e rotulando aqueles que se sentem

discriminados como mimizentos e vitimistas. Essa perspectiva sugere uma minimização da dor e do impacto emocional causado pelas práticas discriminatórias.

Por outro lado, o terceiro trecho (E.11) apresenta uma representação social oposta, que reconhece a intensidade da homofobia e da discriminação na escola, destacando o sofrimento causado às crianças e adolescentes gays e lésbicas. Essa visão enfatiza a necessidade de combater essas práticas para evitar a evasão escolar e promover um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor.

Essas representações sociais distintas refletem a diversidade de perspectivas e experiências em relação à questão da discriminação e preconceito na escola, ressaltando a importância de abordagens sensíveis e proativas para lidar com esses problemas e promover a igualdade e o respeito à diversidade. Desse modo, essa dicotomia reflete divergências significativas nas representações sociais dos participantes, evidenciando a complexidade das percepções em torno da discriminação e do preconceito na escola. Enquanto alguns reconhecem a necessidade de abordar esses problemas de forma séria e proativa, outros minimizam sua gravidade, perpetuando uma cultura de silenciamento e negação que pode contribuir para a perpetuação das desigualdades e violências no ambiente escolar.

Quando questionados sobre a abordagem das questões de gênero e diversidade sexual, o grupo frequentemente expressa uma relutância em fazê-lo. Essa relutância é motivada principalmente pelo receio de proferir informações incorretas ou inadequadas sobre esses assuntos sensíveis. No entanto, o medo de represálias por parte de familiares, gestores e até mesmo do governo emerge como o fator preponderante que os impede de discutir abertamente questões de gênero e sexualidade em sala de aula (Miskolci; Campana, 2017). Essa atmosfera de apreensão e autocensura evidencia não apenas as lacunas na formação docente em tais temas, mas também a necessidade urgente de criar um ambiente escolar que promova a liberdade acadêmica e o respeito à diversidade de ideias e identidades.

Compreendo a importância de discutir questões de gênero e diversidade sexual em sala de aula, mas confesso que tenho receio em abordar esses temas. Não é por falta de vontade de contribuir para a formação integral dos meus alunos, mas sim por receio de dizer algo inadequado ou que possa ser mal interpretado (E.9).

Sei lá! Tenho medo de falar disso porque a gente pode sofrer pressão por parte de familiares, gestores e até mesmo das instâncias governamentais porque estamos em tempos, digamos, sombrios e conservadores demais (E.7)

O/a participante (E.9) expressa algo recorrente nas falas analisadas que é o receio em abordar questões de gênero e diversidade sexual em sala de aula, não por falta de vontade, mas por temor de dizer algo inadequado ou mal interpretado. Isso sugere uma preocupação legítima com a qualidade e sensibilidade da abordagem desses temas (Altmann, 2013). Ao mencionar a possibilidade de ser mal interpretado, o participante indica uma preocupação com possíveis reações negativas devido à polarização política e à demonização da discussão sobre gênero e diversidade sexual, muitas vezes associadas à "ideologia de gênero" (Junqueira, 2022). Por outro lado, a menção à "formação integral dos alunos" sugere um reconhecimento da importância de abordar questões de gênero e diversidade sexual para a educação e desenvolvimento dos estudantes (Louro, 2014).

Interessante observar (E.7), na qual o/a participante expressa medo de abordar temas relacionados a gênero e diversidade sexual devido à possibilidade de sofrer pressões por parte de familiares, gestores e instâncias governamentais, especialmente em um contexto político conservador (Neto; Teófilo; Bastos, 2022). A referência a "tempos sombrios e conservadores demais" sugere uma percepção do participante de que a discussão sobre gênero e diversidade sexual está sendo politizada e distorcida por agendas conservadoras que buscam deslegitimar e desacreditar essa temática (Lionço et al, 2018). O medo de sofrer pressões externas evidencia uma preocupação com possíveis consequências negativas para o próprio participante e para sua carreira profissional, reforçando a ideia de que a discussão sobre gênero e diversidade sexual na escola é alvo de polarização política e censura (Louro, 2014).

Em síntese, os trechos evidenciam um clima de temor e apreensão ao abordar questões de gênero e diversidade sexual na escola, impulsionado pelo contexto político conservador e pela estigmatização desses temas como parte da suposta "ideologia de gênero". Essa realidade não apenas compromete a qualidade da educação ao restringir a discussão de assuntos fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, mas também deturpa a concepção de diversidade na escola, transformando um debate legítimo em um jogo político para promover agendas conservadoras (Miskolci; Campana, 2017).

Diante disso, as análises ressaltam a urgência de aprimorar a formação docente em diversidade sexual, preenchendo lacunas de conhecimento e enfrentando atitudes conservadoras que perpetuam preconceitos e discriminação no ambiente escolar. É crucial implementar programas de desenvolvimento profissional abrangentes, que não apenas abordem aspectos teóricos, mas também ofereçam estratégias práticas para lidar com situações relacionadas à diversidade sexual em sala de aula. Investimentos em educação para a diversidade e o respeito à pluralidade de identidades e experiências são fundamentais para promover ambientes escolares inclusivos e respeitosos, nos quais todos os alunos se sintam seguros e valorizados, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero (Altmann, 2013).

Ao reconhecer as representações sociais prevalentes entre os docentes, torna-se possível direcionar esforços para desenvolver programas de formação específicos que atendam às necessidades identificadas e promovam uma mudança de paradigma em relação à diversidade sexual na educação. Essas iniciativas são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva, onde todos os indivíduos tenham direito a uma educação livre de discriminação e preconceito.

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa refletem um contexto marcado pela polarização política expressa nas eleições presidenciais de 2018, ano em que foram realizadas as

entrevistas com o grupo docente. Durante esse período, uma ofensiva conservadora influenciou os debates sobre gênero, sexualidade e educação, utilizando-se de notícias falsas e pânicos morais que moldaram as representações sociais dos professores acerca de gênero e diversidade sexual em contexto escolar. Nesse sentido, torna-se evidente que as percepções em relação ao preconceito, discriminação, homofobia e transfobia na escola refletem uma polaridade de entendimentos. Enquanto alguns reconhecem a gravidade desses problemas, outros os minimizam como simples "brincadeiras" e rotulam aqueles que os denunciam como "vitimistas".

É igualmente essencial desmistificar a narrativa da "ideologia de gênero", que emerge como elemento significativo na construção das representações sociais dos docentes sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual na escola. Os resultados da pesquisa revelam que o grupo estudado incorporou essa falácia em suas representações sociais, confundindo o conceito de uma educação sexual inclusiva com a suposição de direcionamento sexual e promoção de uma alegada "cultura gay" dentro do ambiente escolar.

Além disso, essa confusão entre educação sexual inclusiva e supostas agendas de "ideologia de gênero" tem gerado silenciamentos e pânicos morais em relação ao combate às homofobias e às transfobias na escola. Os docentes muitas vezes se sentem acuados em abordar essas questões devido ao temor de sofrer represálias por parte de familiares, gestores e governos. Essa atmosfera de receio e intimidação pode restringir ainda mais o diálogo aberto e a implementação de políticas e práticas educacionais que promovam a igualdade e o respeito à diversidade sexual no ambiente escolar.

O silenciamento docente em torno do tema das questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual na escola contradiz a falácia conservadora e acusatória de que os docentes "doutrinam" e "sexualizam" crianças e adolescentes. Na verdade, embora uma parcela do grupo reconheça a homofobia e o preconceito na escola, o grupo, em sua integralidade, não combate essas violências. Portanto, é crucial reconhecer que o silêncio dos professores sobre questões de gênero e sexualidade não deriva de uma

agenda ideológica deliberada, mas sim das representações sociais profundamente enraizadas e do temor de retaliação por parte das famílias, gestores e governos. Somente ao enfrentar esses desafios e promover uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa será possível avançar verdadeiramente na promoção da igualdade e do respeito à diversidade sexual no ambiente educacional.

Os resultados desta pesquisa também evidenciam que a formação em gênero e diversidade sexual é uma lacuna significativa na formação docente, tanto inicial quanto continuada. Essa formação parece essencial, pois possibilitaria gerar reflexões mais profundas e alicerçadas em bases filosóficas e científicas. Contudo, sem esse tipo de formação, impera a confusão em torno desses temas, que são frequentemente alimentados por falsas notícias e permeados por moralismos, fundamentalismos e pânicos morais.

Ao proporcionar uma base sólida de conhecimento e habilidades para lidar com questões de gênero e diversidade sexual, a formação docente poderia capacitar os professores a abordarem esses temas de forma mais sensível, informada e inclusiva em suas práticas pedagógicas. Essa abordagem contribuiria não apenas para a promoção de um ambiente escolar mais respeitoso e inclusivo, mas também para o combate eficaz à homofobia, transfobia e outras formas de discriminação no contexto educacional.

Diante desse cenário complexo, é fundamental promover programas de formação continuada que ofereçam aos professores os conhecimentos, habilidades e recursos necessários para abordar sensivelmente esses temas em suas práticas pedagógicas. Além disso, urge que as gestões escolares reconheçam a importância de criar um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Isso implica em um compromisso ativo em combater o preconceito e a discriminação, bem como em apoiar os professores na abordagem dessas questões em sala de aula.

Esses resultados evidenciam a urgência de intervenções tanto no âmbito da formação docente quanto nas políticas educacionais, visando promover uma abordagem

mais aberta e inclusiva das questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual no contexto escolar. É essencial que sejam implementados programas de formação continuada que ofereçam aos professores os conhecimentos, habilidades e recursos necessários para abordar esses temas de forma sensível e informada em suas práticas pedagógicas.

Os resultados desta pesquisa oferecem percepções valiosas para direcionar futuros estudos sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual no contexto educacional. Uma área de pesquisa promissora seria investigar mais profundamente os efeitos das representações sociais dos docentes sobre essas questões na dinâmica escolar, incluindo seu impacto nas interações entre professores e alunos, bem como nas políticas e práticas escolares. Além disso, seria relevante explorar como as políticas educacionais, especialmente aquelas relacionadas à formação docente e à promoção de ambientes escolares inclusivos, podem ser desenvolvidas e implementadas para lidar eficazmente com os desafios identificados nesta pesquisa. Outro ponto de interesse seria examinar as experiências e perspectivas dos alunos em relação à educação sexual e à promoção da diversidade sexual na escola, a fim de compreender melhor como essas questões são percebidas e vivenciadas por aqueles que são diretamente impactados por elas. Essas linhas de pesquisa podem contribuir significativamente para o avanço do conhecimento e para o desenvolvimento de práticas educacionais mais equitativas e inclusivas.

Por fim, é fundamental desmistificar a narrativa da "ideologia de gênero" e reconhecer que o silêncio dos professores sobre gênero e sexualidade não é resultado de uma agenda ideológica, mas sim de representações sociais arraigadas e do temor de retaliações por parte das famílias, gestores e governos. Somente ao enfrentar esses desafios de frente e promover uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa poderemos verdadeiramente avançar na promoção da igualdade e do respeito à diversidade sexual no ambiente educacional.

Referências

- ALTMANN, Helena. Diversidade Sexual e Educação: desafios para a formação docente. **Revista Latino Americana de Estudos em Educação**, Campinas, v. 10, n. 13, p. 69-82, abr., 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BORGES, Rafaela Oliveira; BORGES, Zulmira Newlands. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 21-43, jan./jul., 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Aqui não temos gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Revista Bagoas**, Natal, v. 8, n. 4, p. 171-189, jan./jul., 2009.
- LIONÇO, Tatiana; ALVES, Ana Clara de Oliveira; MATTIELLO, Felipe; FREIRE, Amanda Machado. “Ideologia de gênero”: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Psicologia Política**, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 559-621, jan./jul., 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e Representações Sociais**: As dinâmicas da mente. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de Gênero” notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, set./dez., 2017.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.
- NETO, Almir Megali; TEÓFILO, João; BASTOS, Sophia Pires. Desmonte da Educação: o anti-intelectualismo do governo Bolsonaro. In: MEYER, Emílio Peluso Neder; VALE, Glaura Cardoso; BASTOS, Sophia Pires (org.). **Democratizando**: um inventário sobre pandemia e democracia no Brasil. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022, p. 64-71.
- NEVES, André Luiz Machado das; SADALA, Klaudia Yared; SILVA, Iolete Ribeiro da. Representações Sociais de professores sobre diversidade sexual em uma escola paraense. **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 2, n. 19, p. 261-269, maio./ago., 2015.

SCHIBELINSKI, Diego. Isso é coisa do capeta: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 15-39, jan./abr., 2020.

VIANNA, Claudia; BORTOLINI, Alexandre. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 10-35, jan./jul., 2020.

Teacher Training in Sexual Diversity: Reflections from the Social Representations of Educators in Basic Education

Abstract: This study aims to investigate the social representations of teachers regarding sexual diversity in the school context, focusing on the thematic category of teacher training. Using the Content Analysis method and grounded in the theoretical framework of Serge Moscovici (theory and method), Queer Theory, and the theory of Social Representations, interviews were conducted with teachers from Basic Education. The results indicate that teachers recognize the need for this type of training, as they acknowledge the existence of prejudices and discriminatory attitudes towards homosexual and transgender individuals in schools. However, they claim not to have received this training during their undergraduate studies or in continuing education, as schools, during training sessions, do not address this issue or allow its discussion, prioritizing other issues such as external evaluation and bonus policies.

Keywords: Diversity. Social Representation. Teacher Training.

Recebido: 08/08/2024

Aceito: 14/03/2024